

OSHO já foi descrito como um dos mil realizadores do século XX, como o homem mais perigoso desde Jesus Cristo e como uma das dez pessoas que mudaram a história da Índia, ao lado de Gandhi, Nehru e Buda. Seus ensinamentos desafiam categorizações, abrangendo desde buscas individuais por significado até os urgentes temas sociais e políticos da atualidade. O conteúdo de seus livros são transcrições de gravações de falas proferidas de improviso a plateias de várias partes do mundo ao longo de 35 anos.

Percorrendo todos os aspectos do trabalho de Osho, há uma visão que engloba tanto a sabedoria das tradições como o potencial mais elevado da ciência e da tecnologia de hoje e do futuro. Ele também é conhecido por sua revolucionária contribuição à ciência da transformação interior.

Sobre o próprio trabalho, Osho explicou que ajudava a criar as condições para o nascimento de um novo tipo de ser humano, capaz de desfrutar dos prazeres da terra e de aproveitar a silenciosa serenidade. Também desenvolveu várias técnicas de meditação ativa, para aliviar tensões acumuladas no corpo e na mente.

Dele, a Editora Alaúde também já publicou *Vivendo perigosamente* (2015), *Torne-se quem você é* (2017), *Acredite no amor* (2019) e *Encontre a sua verdade* (2020).

“Para o crescimento espiritual há uma linha dupla de ação necessária. Precisamos nos colocar a caminho e nos sintonizarmos com ele, mas, antes disso, precisamos desenvolver nossa capacidade de absorvê-lo. Por um lado, precisamos abrir a porta e melhorar nossa visão; por outro, precisamos esperar mesmo depois de a vista ter melhorado, a fim de que os olhos sejam capazes de suportar a claridade. Demasiada luz aprofunda a escuridão. A responsabilidade é nossa e não podemos culpar ninguém.”

Neste livro, Osho responde a algumas das questões mais instigantes sobre a vida espiritual, decifrando mistérios e enigmas do esoterismo. Graças ao formato de perguntas e respostas, parece que estamos recebendo suas vibrações a cada página. O propósito é nos fazer despertar para um estado de consciência plena que nos impulse a realizar uma intensa transformação interior. Desta leitura resulta o desejo de redesenhar caminhos, rever objetivos e buscar as razões da própria existência.

Leitura ideal para todos aqueles interessados em expandir seus conhecimentos sobre a transcendentalidade, em *Desvendando mistérios* Osho encarna o papel de guia espiritual com maestria, tornando a jornada mais clara e pacífica.

EDITORA
ALAUDE
alaude.com.br

f /editoraalaude

@ /editoraalaude


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
altabooks.com.br



EDITORA
ALAUDE

DESVENDANDO MISTÉRIOS

OSHO

DESVENDANDO MISTÉRIOS

4ª
edição

Chacras, kundalini,
os sete corpos e outros
temas esotéricos



OSHO

Quem nunca desejou estar frente a frente com um ídolo ou pensador que causou impacto e mudança no mundo que conhecemos? Aqui, os leitores têm a oportunidade de vivenciar algo próximo a um bate-papo sobre transcendentalidade e vida espiritual com um dos maiores gurus do século XX. Uma conversa franca e aberta sobre os desafios de uma vida dedicada ao potencial da existência e à verdade.

Neste conjunto de falas, Osho mais uma vez compartilha com humildade e leveza seus principais ensinamentos. Em formato de perguntas e respostas, os leitores têm suas maiores dúvidas espirituais esclarecidas e adquirem conhecimentos sobre práticas espirituais milenares e pensamentos a respeito da consciência, da meditação e da atenção plena.

Como escreveu Bodhi Champak, coordenador do Instituto Osho Brasil, em prefácio a esta edição, o que mais impressiona nas palavras de Osho “é a sua capacidade de explicar o inexplicável, usando palavras simples, claras e diretas. Ele aborda os assuntos mais variados, do mundano ao divino, revelando uma dimensão sublime nos atos mais simples do nosso cotidiano”. Não poderíamos concordar mais.

Desvendando mistérios

AMOSTRA

AMOSTRA

OSHO

Desvendando mistérios

Chacras, kundalini, os sete corpos
e outros temas esotéricos

AMOSTRA

Tradução de Leonardo Freire

EDITORA
ALAUDE

Copyright © 1970 Osho Foundation, Switzerland, www.osho.com

Copyright © 2006 Alaúde Editorial Ltda.

Copyright desta edição @ 2020 Alaúde Editorial Ltda.

Título original: *In search of the miraculous vol. II*

OSHO é uma marca registrada da Osho International Foundation (www.osho.com/trademarks), utilizada com permissão/licença.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1ª de janeiro de 2009.

Produção editorial: Alaúde Editorial Ltda.

Preparação: Olga Sérvulo

Revisão: Nonono

Capa: Amanda Cestaro

Imagem de capa: Shutterstock.com

Projeto gráfico: Rodrigo Frazão

1ª edição, 2006 / 2ª edição, 2011 (6 reimpressões) / 3ª edição, 2021 / 4ª edição, 2022

Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Osho, 1931-1990

Desvendando mistérios : chackras, kundalini, os sete corpos e outros temas esotéricos / Osho ; tradução Leonardo Freire. -- 4. ed. -- São Paulo, SP : Alaúde Editorial, 2022.

Título original: *In search of the miraculous vol. II*

ISBN 978-65-86049-61-9

1. Autoajuda 2. Autoconhecimento 3. Chacras 4. Desenvolvimento pessoal 5. Esoterismo - Filosofia 6. Kundalini 7. Osho - Ensinaamentos I. Freire, Leonardo. II. Título.

22-110991

CDD-299.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Esoterismo : Osho : Espiritualidade : Filosofia mística : Religião 299.93

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

O conteúdo desta obra, agora publicada pelo Grupo Editorial Alta Books, é o mesmo da edição anterior.

2022

A Editora Alaúde faz parte do Grupo Editorial Alta Books

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.alaude.com.br

blog.alaude.com.br

Sumário

Prefácio	7
1 Ajuda externa no crescimento da energia da kundalini	11
2 Amadurecimento do meditador no caminho	49
3 O caminho da kundalini: autenticidade e liberdade	83
4 Os mistérios dos sete corpos e dos sete chacras	123
5 Os mistérios ocultos da religião	165
6 Shaktipat: os mistérios da eletricidade corporal	209
7 Kundalini: a disciplina da transcendência	239
8 As dimensões esotéricas do tantra	275
9 Profundidades ocultas da kundalini e da espiritualidade	313

AMOSTRA

Prefácio

Osho é um autor diferente. Na verdade, ele nunca escreveu um livro. Todos os livros publicados em seu nome são transcrições de suas falas ao longo de 35 anos, com exceção de dois que são coletâneas de cartas por ele escritas. O que mais impressiona é a sua capacidade de explicar o inexplicável, usando palavras simples, claras e diretas. Ele aborda os assuntos mais variados, do mundano ao divino, revelando uma dimensão sublime nos atos mais simples do nosso cotidiano. Ele nos diz aquilo que parece ser óbvio, mas que não conseguíamos perceber. E diz de uma maneira que nos leva a refletir sobre a forma como temos vivido e estimula nossa coragem e vontade de ir além dos limites que nos cerceiam.

Este livro compreende um conjunto de suas falas em Mumbai, Índia, nas quais Osho desvenda mistérios e decifra enigmas do esoterismo. É uma grata surpresa, já que comumente ele não respondia diretamente a perguntas esotéricas. Geralmente, com sua acurada percepção, ele identificava, por trás de muitas dessas perguntas, os jogos e artifícios das mentes dos questionadores que apenas queriam manter-se ocupados com tais curiosidades, desviando-se do aqui e agora. Suas respostas se voltavam, então, para a descrição do funcionamento da mente humana, este fantástico instrumento que deveria estar a serviço do homem, mas cuja função se inverte, ficando o homem a seu serviço.

A mente está sempre presente na memória do passado ou na projeção do futuro, ela nunca está no aqui e agora. A meditação,

por outro lado, nos traz para o momento presente. A meditação é o tema central de toda a obra de Osho. As várias técnicas que ele desenvolveu funcionam como estratégias para aquietarmos a mente e vivermos momentos de profundo silêncio interior. Nesse estado, vislumbres do espaço não mental podem acontecer. Mas é preciso, segundo ele, estarmos sempre alertas quanto aos jogos e às artimanhas da mente, que encontra sempre um “jeitinho” para voltar à sua tagarelice e ao controle.

Aqui, Osho explora muitos aspectos do esoterismo. Todos os que estão em busca da verdade, do discernimento, do autoconhecimento, da superação humana, expõem-se a experimentos, aceitam desafios e procuram romper seus próprios limites. Cada um, em sua trajetória individual, vez por outra se defronta com sensações estranhas, lampejos intuitivos inesperados, percepções até então desconhecidas. Muitas vezes, surgem medos, inseguranças, dúvidas, tropeços e inquietações. O lançamento de *Desvendando mistérios* é, nesse sentido, um presente especial aos buscadores. Arriscaríamos dizer que este é um livro de Osho que faltava ao público de língua portuguesa.

Osho responde a uma sucessão de perguntas interligadas e que vão sendo levantadas com a intenção de aprofundar o tema. Assim, quando ao longo de uma resposta algo suscita dúvidas ou necessidade de mais esclarecimentos, o assunto vira objeto da pergunta que imediatamente se segue. Isso garantiu a intensidade e profundidade nas abordagens do livro.

A riqueza e a intensidade já podem ser percebidas desde a primeira página, quando Osho responde a uma pergunta sobre shaktipat (a transmissão da energia divina por meio de um médium) e a graça divina. Na sequência, ele continua respondendo a perguntas bastante relevantes. Num certo momento, diz:

O ponto final da kundalini é o sahasrara. Essa é a porta onde a graça nos espera; o divino está sempre esperando nessa porta.

É você que não está à porta, pois está distante, dentro. Você precisa chegar a ela, já que a união se dará ali, e essa união virá na forma de uma explosão. Ela é chamada de explosão porque, quando acontecer, você desaparecerá imediatamente; você deixará de existir... Deixará de ser o que era atrás da porta fechada.

Em outro trecho do livro, em que ele explica o que ocorre quando se alcança cada um dos sete corpos, diz:

O quarto plano é o corpo mental ou a psique, e o quarto chacra, anahat, está conectado com o quarto corpo. As qualidades naturais desse plano são a imaginação e o sonhar. É isto o que a mente está sempre fazendo: imaginando e sonhando. Ela sonha à noite e, durante o dia, devaneia. Se a imaginação for completamente desenvolvida, ela se tornará determinação, vontade. Se o sonhar se desenvolver completamente, será transformado em visão – visão psíquica. Se uma pessoa desenvolver inteiramente sua capacidade de sonhar, precisará apenas fechar os olhos e poderá perceber coisas. Ela pode ver até através de uma parede. No começo, ela só sonha que vê além da parede; mais tarde, ela realmente verá além dela. Agora ela pode apenas supor o que você está pensando, mas, após a transformação, ela verá o que você pensa. Visão significa ver e ouvir coisas sem o uso dos órgãos comuns dos sentidos. Para uma pessoa que desenvolve a visão, as limitações do tempo e do espaço deixam de existir.

Da mesma forma que existem sete corpos, também existem sete chacras e cada chacra está conectado a seu corpo correspondente. Cada um dos quatro primeiros corpos tem sempre duas possibilidades: uma natural, que nos é dada pelo nascimento, e outra que é obtida pela meditação. A partir do quinto corpo, só uma possibilidade é dada. Muitos esclarecimentos como esses nos são dados por Osho, que segue discorrendo sobre samádi, a

relação mestre-discípulo, o significado da iniciação, os mistérios ocultos dos ídolos e dos templos, e muitos outros temas.

As perguntas formuladas envolvem dúvidas e questionamentos práticos que também estão sendo vividos por muitos de nós que já entramos ou que estamos entrando no caminho da meditação. É o caso, por exemplo, da pergunta que lhe foi dirigida sobre quais os efeitos do shaktipat e do despertar da kundalini em pessoas cujos três primeiros corpos ainda não estão preparados para isto. E como um meditador deve preparar esses seus três corpos: o físico, o etéreo e o astral.

Pela sua abrangência e profundidade, podemos dizer que este é um livro ímpar dentro da obra de Osho. Mas não é por acaso que esta é uma das raras vezes em que ele aborda temas esotéricos com essa clareza. Na verdade, é grande o risco de saciarmos a curiosidade de nossa mente, dar-nos por satisfeitos com essas respostas e estagnarmos o nosso crescimento e a nossa busca. Por isso ele nos diz: “Você deve tentar me entender, deve tentar aprender, mas não deve acumular os meus conhecimentos, não deve acumular as minhas conclusões”. A verdadeira busca é uma busca interior e não uma coleta de informações externas, ainda que elas sejam passadas pelo Mestre. Os seus livros nos seduzem, mas, acima disso, devem ser vistos como desafios; afinal, Osho é um constante convite a darmos um salto para a liberdade, para a realização de nossa potencialidade, para o autêntico encontro com o que somos originalmente. Essa é a verdadeira alquimia, o verdadeiro milagre.

Bodhi Champak

Coordenador do Instituto Osho Brasil

www.oshobrasil.com.br

Ajuda externa no crescimento da energia da kundalini*

Questão:

Recentemente, você disse que o significado de shaktipat – transmissão da energia divina – é a descida da energia do divino no meditador. Mais tarde, você disse que há uma diferença entre shaktipat e graça. Essas duas afirmações parecem contraditórias. Por favor, explique.

Há uma pequena diferença e também uma pequena semelhança entre os dois; as duas esferas de atividades se sobrepõem. Shaktipat é a energia do divino. Na verdade, não há outra energia, exceto a do divino. Contudo, no shaktipat, alguém atua como médium. Embora, essencialmente, esse alguém também seja parte do divino, no estágio inicial ele funciona como um veículo.

É como o relâmpago que clareia o céu e a luz elétrica que ilumina a casa: eles são iguais, mas a luz de casa vem por meio de um veículo e, nela, a intervenção humana é evidente.

O relâmpago que lampeja na chuva é a mesma energia do divino, mas não precisa de nenhuma mediação humana. Se o ser humano se extinguir, o relâmpago ainda lampejará no céu, mas a lâmpada elétrica deixará de funcionar. Shaktipat é como

* Kundalini é a energia geralmente adormecida na região correspondente à base da coluna vertebral. (N. do T.)

a lâmpada elétrica que precisa de uma pessoa como médium; a graça é o relâmpago no céu que vem sem a ajuda de um médium.

Uma pessoa que atingiu esse nível de energia, aquela que está em contato com o divino, pode funcionar como médium porque, para esse acontecimento, ela é um veículo melhor do que você. Ela está familiarizada com a energia e com o seu funcionamento; por meio dela, a energia pode penetrar mais rapidamente em você. Você não tem experiência com ela e é imaturo, enquanto essa pessoa é um veículo bem maduro. Se a energia entrar em você por meio dela, isso acontecerá facilmente porque ela é um veículo eficiente.

Em segundo lugar, essa pessoa é um canal estreito a partir do qual você receberá energia, mas apenas de acordo com a sua capacidade. Você pode se sentar sob a luz elétrica em casa e ler alguma coisa, pois essa é uma luz controlada, mas não pode ler sob o relâmpago no céu, pois ele não segue nenhuma regra.

Assim, se de repente, por acaso, acontecer de uma pessoa estar em um estado no qual a graça possa descer sobre ela ou o shaktipat acontecer a ela sem um médium, haverá toda a possibilidade de ela ficar bastante perturbada ou de ficar insana. A energia que desceu sobre ela pode ser demasiada, e sua capacidade de contê-la pode ser diminuta; portanto, ela pode ser completamente desestruturada. Experiências inusitadas e não familiares de alegria tornam-se dolorosas e insuportáveis.

É como se alguém acostumado por anos a ficar na escuridão fosse repentinamente trazido para a luz do dia; a escuridão se aprofundará ainda mais e, no início, ele não será capaz de suportar a luz do sol. Seus olhos estavam acostumados com a escuridão e, dessa maneira, não podem encarar o brilho da luz e se fecharão.

Algumas vezes, a energia ilimitada da graça pode descer sobre você de maneira inesperada, mas, se você não estiver preparado, seu efeito poderá ser fatal e destrutivo. Você foi pego

desprevenido, então o acontecimento pode se transformar em um desastre. Sim, a graça também pode ser danosa e destrutiva.

No caso do shaktipat, as chances de acidente são muito pequenas, praticamente nulas, pois alguém está funcionando como médium, como veículo. Ao passar através de um médium, a energia torna-se meiga e suave, e o médium também pode regular sua intensidade; ele pode deixar que flua em você apenas a quantia de energia que você possa suportar. Lembre-se: o médium é apenas um veículo e não a fonte dessa energia.

Se uma pessoa disser que está *fazendo* shaktipat, que está fazendo a transmissão da energia, estará enganada. Isso seria como se a lâmpada declarasse ser ela que dá a luz. Uma vez que a luz sempre é emitida por meio da lâmpada, a lâmpada pode se iludir, ao achar que é a criadora da luz. Não é assim, ela não é a fonte primária da luz, mas meramente um veículo para a sua manifestação. Assim, alguém que declara poder executar shaktipat está sob a mesma ilusão que a lâmpada.

A energia transmitida sempre é a energia do divino, mas, se houver alguém atuando como veículo, poderemos chamá-la também de shaktipat. Se não houver um veículo e essa energia descer repentinamente, ela poderá ser danosa. Mas, se uma pessoa esperar tempo suficiente, se meditar com infinita paciência, o shaktipat também poderá acontecer na forma de graça; não haverá médium, mas, ao mesmo tempo, não haverá percalço. Sua espera infinita, sua paciência ilimitada, sua devoção imperturbável e sua resolução permanente desenvolvem sua capacidade acessar o infinito. E isso pode acontecer das duas maneiras: com ou sem uma intermediação. Contudo, na ausência de uma intermediação, a pessoa não a sentirá como shaktipat, mas como graça do além.

Como já disse, há tanto semelhanças como diferenças entre os dois. Sou a favor da graça na medida em que ela for possível; idealmente, não deveria haver um médium. Em certos casos, isso

é possível, mas em outros, não. Assim, para evitar a categoria de pessoas vagando por vidas infundáveis, alguém pode ser destinado a ser um veículo, a fim de trazer a energia divina. Contudo, poderá ser veículo apenas alguém que não seja mais um ego individual. Então, o perigo é praticamente nulo, pois esse alguém, como médium, não se torna um guru, já que não há uma personalidade interna para se tornar um guru. Entenda bem essa diferença.

Quando alguém se torna um guru, ele se torna um guru em referência a você; quando alguém se torna um médium, ele assim o faz em relação ao ser universal; então, ele nada tem a ver com você. Você percebe a diferença?

O ego não pode estar presente em nenhuma esfera do relacionamento com você. Dessa maneira, o guru real é aquele que não se torna um guru. A definição de sadguru, do mestre perfeito, é: aquele que não se torna um guru. Isso significa que os que chamam a si mesmos de gurus não têm a qualificação para tal. Não há uma desqualificação maior do que a pretensão de ser guru, pois isso mostra a presença do ego em tal pessoa, o que é perigoso.

Se alguém atingir repentinamente o estado de vazio, no qual o ego desaparece completamente, ele poderá tornar-se um médium. Então, o shaktipat poderá acontecer perto dele, em sua presença, e não haverá risco, nem para você nem para o médium por meio do qual a energia flui.

E, ainda assim, basicamente, sou a favor da graça. Quando o ego morrer e a pessoa deixar de ser um indivíduo, quando essas condições estiverem preenchidas, o shaktipat praticamente se tornará graça.

Se o próprio indivíduo não estiver cômico desse estado, o shaktipat estará muito próximo da graça; só a proximidade dele pode ser suficiente para que aconteça. Para você, ele aparenta ser uma pessoa, mas, em realidade, tornou-se uno com o divino. Seria melhor dizer que ele se tornou a mão do divino estendida em sua direção. Ele está próximo de você... Tal indivíduo é um

instrumento completo e, se em tal estado de consciência ele fala na primeira pessoa do singular, tendemos a interpretá-lo erroneamente, pois, quando ele diz “eu”, quer dizer o ser supremo. Mas é difícil entendermos sua linguagem.

É por isso que Krishna pôde dizer a Arjuna: “Deixe tudo e renda-se a mim”. Por milhares de anos ponderaremos sobre o tipo de pessoa que diz: “Renda-se a mim”. Essa afirmação parece confirmar a presença de um ego, mas esse ser pode falar dessa maneira simplesmente por não ser mais um ego. Ora, seu “eu” é a mão estendida de alguém, é esse alguém que está por trás dele dizendo: “Renda-se a mim – o único”. Esta expressão, “o único”, é inestimável. Krishna diz: “Renda-se a mim, o único”. O “eu” nunca é o único – ele é muitos. Krishna está falando a partir de um espaço em que o “eu” é o único, e essa não é a linguagem do ego.

Mas entendemos apenas a linguagem do ego e, portanto, achamos que Krishna, ao dizer a Arjuna para entregar-se a ele, fez uma declaração vinda do ego. Esse é um equívoco. Sempre temos duas maneiras de encarar as coisas: uma é a partir de nosso próprio ponto de vista, invariavelmente iludido, e a outra é a partir do ponto de vista do divino, o qual, é claro, não pode estar iludido. Então, o acontecimento pode se dar por meio de uma pessoa como Krishna, em que o ego pessoal e individual não participa.

Os dois acontecimentos, o shaktipat e a graça, são diferentes no contorno, mas estão muito próximos um do outro no centro. Sou a favor daquele espaço em que é difícil distinguir entre um e outro. Apenas esse espaço é útil, apenas esse espaço é valioso.

Um monge na China estava comemorando o aniversário de seu guru com uma grande celebração. Algumas pessoas lhe perguntaram de quem era o aniversário comemorado, pois ele sempre dissera que não tinha guru e que não havia necessidade de um. Então, por que tudo aquilo? Ele lhes implorou para não lhe

perguntarem, mas elas continuaram a insistir: “Hoje é o dia do guru – você tem um guru?”

O monge disse: “Não me coloquem em uma posição difícil; é melhor eu ficar quieto”.

Mas, quanto mais ele ficava quieto, mais as pessoas insistiam: “O que há? O que você está celebrando? Pois hoje é o dia de celebração do mestre. Você tem um mestre?”

O monge respondeu: “Se vocês insistem, então devo dizer algo sobre isso. Hoje me lembro do homem que se recusou a ser meu guru, pois, se ele tivesse me acolhido como discípulo, eu teria me perdido. Naquele dia em que ele me recusou, fiquei com muita raiva dele, mas hoje quero reverenciá-lo com grande gratidão. Se ele quisesse, poderia ser meu guru, pois fui eu quem lhe implorou para me aceitar, mas ele não concordou”.

Então, as pessoas perguntaram: “E por que você lhe agradece, já que ele o recusou?”

E o monge respondeu: “É suficiente dizer que, ao não se tornar meu guru, esse homem fez por mim o que nenhum guru poderia fazer. Portanto, minha obrigação é dupla. Se ele tivesse sido meu guru, de ambos os lados haveria um dar e um receber. Eu teria tocado seus pés, oferecido minha veneração e respeito, e o assunto estaria encerrado. Mas esse homem não pediu respeito e não se tornou meu guru. Dessa maneira, minha obrigação para com ele é duplicada. A situação foi absolutamente unilateral: ele deu e não pude nem lhe agradecer, pois ele não deu chance para isso”.

Ora, em tal situação, não restará nenhuma diferença entre shaktipat e graça. Quanto maior a diferença, mais você deve manter distância; quanto menor a diferença, melhor. Portanto, enfatizo a graça. No dia em que o shaktipat chegar muito próximo da graça, tão próximo que você não possa distingui-los, saiba que o que tinha que acontecer aconteceu. Quando a

eletricidade de sua casa tornar-se como o relâmpago, natural e livre no céu e parte da energia infinita, você deverá saber que, se o shaktipat então acontecer, será equivalente à graça. Não esqueça isso.

Questão:

Você disse que ou a energia se eleva a partir do interior e alcança o divino, ou a energia do divino desce e se funde no interior. Também disse que a primeira é o subir da kundalini e que a segunda é a graça do divino. Então, mais tarde, disse que, quando a energia adormecida interior se encontra com a colossal energia do infinito, dá-se uma explosão, que é o samádi. Para o samádi, é absolutamente necessária a união da graça com a kundalini desperta? Ou a evolução da kundalini até o sahasrara é semelhante ao acontecimento da graça divina?

Uma explosão nunca se dá com apenas uma energia, pois nasce da união de duas energias. Se a explosão fosse possível com só uma energia, então teria acontecido há muito tempo.

É como se você tivesse uma caixa de fósforos e colocasse um fósforo perto dela: eles podem ficar assim indefinidamente e não surgirá nenhuma chama. Não importa ser tão pequena a distância entre os dois – meio centímetro ou um quarto de centímetro –, nada acontecerá. Para a explosão, é necessária a fricção entre os dois, e somente então o fogo surgirá. O fogo está oculto em ambos, mas não há como produzi-lo com apenas um dos dois.

* Chacras são centros de energia, e sahasrara é o nome do sétimo e último chacra, localizado em uma região correspondente ao topo da cabeça, estendendo-se também acima dela. (N. do T.)

A explosão acontece quando as duas energias se encontram. Dessa maneira, a energia adormecida dentro do indivíduo deve subir até o sahasrara, e somente então é possível a união, a explosão. Nenhuma união é possível, exceto no sahasrara. É como se suas portas estivessem fechadas e o sol estivesse brilhando lá fora; a luz fica do lado de fora da porta. Você se move dentro da casa até a porta, mas mesmo assim não encontra a luz do sol, pois entrará em contato com ela apenas quando a porta se abrir.

Assim, o ponto final da kundalini é o sahasrara. Essa é a porta onde a graça nos espera; o divino está sempre esperando nessa porta. É você que não está à porta, pois está distante em algum lugar no interior. Você precisa chegar a ela, já que a união se dará ali, e essa união será na forma de uma explosão. Ela é chamada de explosão porque, então, você desaparecerá imediatamente; você deixará de existir. O fósforo queimará na explosão, embora a caixa de fósforos continue a existir. O fósforo, que é você, se transformará em cinzas e se fundirá no amorfo.

Com isso, você deixará de existir, ficará perdido, destruído e despedaçado; você deixará de existir, deixará de ser o que era atrás da porta fechada. Tudo o que era seu ficará perdido; só permanecerá aquele que espera do lado de fora da porta, e você se tornará um fragmento. Você não pode desencadear isso sozinho; para essa explosão, é absolutamente necessário alcançar a energia cósmica infinita. A energia interior adormecida precisa ser desperta e levada a se erguer até o sahasrara, onde a energia cósmica espera eternamente. A jornada da kundalini começa a partir de seu centro adormecido e termina no lugar, na fronteira, em que você desaparece.

Há uma fronteira, a física, que tomamos como certa, mas essa não é a maior fronteira. Se minha mão for cortada, isso não fará muita diferença para mim; se meus pés forem cortados, o corpo não sofrerá tanto, pois ainda permanecerei. Em outras palavras,

ainda permanecerei apesar das mudanças dentro desses limites. Mesmo se os olhos e os ouvidos não estiverem aí, ainda permanecerei. Dessa maneira, nossa fronteira real não é a do corpo, e sim a do centro sahasrara, além do qual deixamos de existir. Tão logo se ultrapasse essa fronteira, deixamos de existir, não se pode permanecer.

Sua kundalini é sua energia adormecida; suas fronteiras se estendem do centro sexual até o centro no topo da cabeça. É por isso que estamos continuamente conscientes de que podemos ser capazes de nos dissociar de outras partes do corpo, mas não podemos separar nossa identidade da face, da cabeça. É fácil reconhecer que “Posso não ser essa mão”, mas é muito difícil ver a própria face no espelho e conceber que “Não sou essa face”. A face e a cabeça são os limites; portanto, o ser humano está pronto a perder tudo, exceto seu intelecto.

Certa vez, Sócrates falava sobre contentamento, dizendo que esse era um grande tesouro. Alguém lhe perguntou se ele preferiria ser um Sócrates descontente ou um porco contente, e ele respondeu: “Preferiria ser um Sócrates descontente a um porco contente porque o porco contente não tem ciência de seu contentamento. Um Sócrates descontente estaria pelo menos consciente de seu descontentamento”. Esse homem, Sócrates, está dizendo que o ser humano está disposto a perder tudo, exceto seu intelecto, mesmo se for um intelecto descontente.

O intelecto também está muito próximo do centro sahasrara, o sétimo e último chacra. Para ser exato, temos duas fronteiras. Uma é o centro sexual; abaixo desse centro começa o mundo da natureza. No centro sexual não há diferença entre árvores, pássaros, outros animais e nós. Para eles, esse centro é o limite máximo, enquanto, para o ser humano, é o primeiro ponto, a linha inicial. Quando estamos embasados no centro sexual, também somos animais. Nosso outro limite é o intelecto, que está próximo de nossa segunda linha fronteira, além da qual

está o divino. Além desse ponto, não somos mais nós mesmos; então, somos o divino. Essas são nossas duas linhas fronteiriças, e nossa energia se move entre elas.

Ora, o reservatório onde toda nossa energia repousa adormecida está próximo do centro sexual. Por isso, 99 por cento dos pensamentos, sonhos e atividades humanas acontecem à volta desse reservatório. Não importa quanta cultura possa ser ostentada e sejam quais forem os falsos pretextos que a sociedade possa apresentar, o ser humano vive ali e apenas ali: ele vive à volta do centro sexual. Ao ganhar dinheiro, é para o sexo; ao construir uma casa, é para o sexo; ao ganhar prestígio, assim o faz para o sexo. Na raiz de tudo isso, encontraremos o sexo.

Os que compreenderam isso falaram de dois objetivos: sexo e libertação. Os outros dois objetivos, a riqueza e a religião, são apenas os meios. A riqueza é uma fonte de sexo; portanto, quanto mais sexual a era, mais será orientada para a riqueza. E, quanto mais ávida a busca pela libertação em uma era particular, maior será a sede de religião. A religião é apenas um meio, como a riqueza é um meio. Se você almejar a libertação, a religião se tornará o meio; se você desejar a satisfação sexual, a riqueza será o meio. Assim, há dois objetivos e dois meios, pois temos duas divisas.

Entre esses dois extremos, é interessante que você não possa repousar em lugar nenhum, não possa parar em lugar nenhum. Muitas pessoas enfrentam grande dificuldade, pois não têm nenhum desejo de se libertar, e, ao ficarem antagônicas ao sexo por alguma razão, ficam em uma situação imensamente difícil. Elas começam a se afastar do centro sexual, mas não se aproximam do centro que leva à libertação. Elas caem na dúvida e na incerteza, e isso é muito difícil, muito doloroso e realmente infernal. Passam a viver um tormento interno.

Permanecer no meio não está certo, não é natural e não é significativo. É como se um homem subisse uma escada e parasse no meio. Diríamos a ele: “Faça uma coisa ou outra: suba

ou desça, pois a escada não é uma casa e não tem sentido parar no meio”. Não pode haver uma pessoa mais inútil do que a que para no meio da escada. Tudo o que ela tiver de fazer, poderá fazê-lo ou no topo ou na base da escada.

Por assim dizer, a espinha dorsal é a escada. Nela, cada vértebra é um degrau. A kundalini começa do ponto mais baixo e chega até o topo. Se ela atingir o ponto mais elevado, a explosão será inevitável; se ela permanecer no ponto mais baixo, é certo que tomará a forma de descarga sexual, de ejaculação. Esses dois pontos deveriam ser bem entendidos.

Ambos são explosões e ambos requerem a participação do outro. Na descarga do sexo, o outro é necessário, mesmo se for um outro imaginário. Mas, aí, sua energia não é inteiramente dissipada, pois esse é apenas o ponto inicial de seu ser. Você é muito mais do que isso e fez bastante progresso a partir daí. O animal está completamente satisfeito nesse ponto e, portanto, não busca a libertação.

Se os animais pudessem se manifestar por escrito, iriam identificar apenas dois objetivos dignos de luta: riqueza e sexo. A riqueza seria nas formas adequadas ao mundo animal. Aquele que tiver mais musculatura, mais força, será o mais rico. Ele ganhará dos outros na competição do sexo, juntará dez fêmeas à sua volta, e isso também é uma forma de riqueza. A gordura extra no corpo é a sua riqueza.

Um ser humano também tem riquezas que podem ser convertidas em “gordura” em algum momento. Um rei pode manter mil rainhas. Houve um tempo em que a riqueza de um homem era medida pelo número de mulheres que possuía. Se um homem fosse pobre, como poderia se dar ao luxo de ter quatro mulheres? O critério atual da educação e da conta bancária é um desenvolvimento muito posterior. Nos tempos antigos, o número de mulheres era o único critério de riqueza. Por isso, para exaltar a importância de nossos

heróis antigos, tivemos de aumentar o número de suas mulheres, o que não correspondia à verdade.

Por exemplo: as 16.000 rainhas de Krishna. Na época de Krishna, não havia outra maneira de expressar sua grandeza: “Sendo Krishna um grande homem, então quantas mulheres ele tem?” Tivemos de fazer surgir como por encanto o colossal número de 16.000 – que na época era um número expressivo, embora hoje possa não ser, graças à explosão populacional. Naqueles dias, não havia tantas pessoas. Na África, mesmo agora, há comunidades de apenas três pessoas. Dessa maneira, se lhes dissessem que um homem tinha quatro mulheres, isso nada significaria para eles, pois podem contar só até três.

Na esfera sexual, a presença do outro é requerida. Se a outra pessoa não estiver presente, mesmo imaginá-la produzirá o efeito necessário. Por isso, considerava-se que a explosão poderia se dar mesmo se Deus estivesse presente na imaginação. Dessa maneira, desenvolveu-se a longa tradição de bhakti, o caminho da devoção, no qual a imaginação era usada como meio para a explosão. Sendo a ejaculação possível por meio da imaginação, por que no sahasrara a explosão de energia não pode se dar da mesma maneira? Isso levantou a possibilidade de encontrar Deus na mente, por meio do uso da imaginação, mas esse evento não era realmente possível. A ejaculação é possível na imaginação porque ela foi realmente experimentada; portanto, pode ser imaginada. Mas não tivemos nenhum encontro com Deus; portanto, ele não pode ser imaginado. Podemos imaginar apenas aquilo que foi experimentado por nós.

Se uma pessoa experimentou um certo tipo de prazer, sempre poderá voltar, lembrar-se da experiência e novamente desfrutá-la. Um surdo não pode ouvir em seus sonhos, não importa o quanto tente; ele nem mesmo pode imaginar sons. De maneira semelhante, um cego não pode imaginar a luz. Mas, se alguém perder a visão, sempre poderá sonhar com a luz. Para ser exato,

agora ele só pode ver a luz em seus sonhos, pois não tem mais olhos para vê-la. Assim, podemos imaginar nossas experiências, mas não há como imaginar o que nunca foi experimentado.

A explosão não é nossa experiência; portanto, a imaginação não funciona aqui. Na verdade, precisaremos ir para dentro a fim de que o acontecimento se dê. Dessa maneira, o chacra sahasrara é sua fronteira final, onde *você* termina.

Como disse anteriormente, o ser humano é uma escada. As palavras de Nietzsche nesse contexto são muito significativas. Ele disse: “O ser humano é uma ponte entre duas eternidades”. Há uma eternidade, aquela da natureza, que não tem fim, e aquela do divino, que também é infinita, sem limites. O ser humano é uma ponte balançando entre essas duas. Por esse motivo, o ser humano não é um ponto de descanso. A pessoa ou vai para frente ou para trás, pois não há espaço para construir uma casa sobre essa ponte. Arrepende-se quem tentar se instalar sobre ela, pois uma ponte não é um local para se ter uma casa; ela é feita apenas para se atravessar de um extremo a outro.

Na cidade de Fatehpur Sikri, o rei Akbar tentou construir um templo de todas as religiões. Ele sonhava com uma só religião, a qual chamava Deen-e-Ilahi – a essência de todas as religiões. Então ele inscreveu uma sentença sobre o portal de entrada, que era um dizer de Jesus Cristo: “Este mundo é apenas um lugar de descanso e não um lar permanente. Você pode parar aqui por algum tempo, mas não para sempre. Este é apenas um local de descanso em sua jornada, um acampamento, um abrigo para os viajantes, onde possam pernoitar e continuar a viagem pela manhã. Detemo-nos aqui apenas para descansar à noite e para recomençar a jornada ao raiar do dia. Não há outro propósito, não ficamos parados aqui para sempre”.

O ser humano é uma escada que precisa ser galgada; portanto, está sempre tenso. Não está correto dizer que uma pessoa é tensa; mais exatamente, o ser humano é tensão. Uma ponte é sempre

tensa; é uma ponte porque é tensa. Ela é o que fica entre dois extremos. O ser humano é uma tensão inevitável; dessa maneira, ele nunca está em paz, nunca está tranquilo. Ele experimenta um pouco de paz apenas quando se comporta como um animal, ou atinge uma paz perfeita quando se torna o divino. A tensão se afrouxa quando ele se torna um animal; ele desceu os degraus da escada para ficar no chão, o ponto com o qual criou familiaridade por milhares de vidas. Ele se aliviou de todos os aborrecimentos da tensão. Assim, o ser humano busca se livrar da tensão no sexo ou em experiências relacionadas com o sexo, como bebidas alcoólicas, drogas e outras, que podem levá-lo à inconsciência temporária. Mas você pode ficar ali apenas por um curto período de tempo; mesmo se quiser, não poderá ficar permanentemente no estado animal. Mesmo uma pessoa da pior qualidade consegue permanecer no estado animal apenas por pouco tempo.

Quem comete um assassinato assim o faz no momento em que se torna um animal. Se ele tivesse esperado um momento mais, talvez não fosse capaz de cometê-lo. De certa maneira, o transformar-se em um animal é como uma pessoa saltando: por um momento ela está no ar e, depois, volta ao chão. O pior dos homens não é ruim para sempre; não pode ser. Ele é assim apenas por um momento; fora isso, ele é normal como qualquer outra pessoa. Por um momento ele consegue um pouco de bem-estar porque volta ao terreno conhecido onde não há nenhuma tensão. É por isso que não encontramos tensões nos animais.

Observe os olhos deles: não há tensão. Os animais nunca enlouquecem ou se suicidam e não têm ataque cardíaco. Mas, para os animais escravizados pelo ser humano, tudo isso se torna possível – quando eles puxam sua carroça ou se tornam domésticos, o que é uma outra coisa. Quando o ser humano tenta empurrar o animal pela ponte, isso gera complicações.

Ora, se um cão vira-lata entrar nesta sala, ele se moverá à vontade, mas, se um cão doméstico entrar, irá se sentar onde

lhe for permitido. Esse cão doméstico entrou no mundo do ser humano e deixou para trás seu mundo animal. Fatalmente ele terminará em dificuldades, pois é um animal submetido às tensões de um ser humano. Assim, ele está sempre em dificuldades e espera ansiosamente a ordem de sair da sala.

O ser humano pode cair apenas momentaneamente no estado animal, e por isso dizemos que todas nossas alegrias são curtas. A alegria também pode ser eterna, mas, neste ponto de nossa busca, é apenas um estado transitório. Tentamos encontrar a felicidade no estado animal, e isso pode se dar apenas por um período muito curto de tempo. Não podemos permanecer no estado animal por muito tempo, e é difícil voltar ao nosso estado anterior de existência. Se você quiser voltar ao ontem, poderá fechar os olhos e visualizá-lo – mas por quanto tempo? Quando abrir os olhos, se verá no mesmo lugar.

Você pode tentar voltar, forçando-se a fazer isso por um momento ou outro, mas sempre se arrependerá. Portanto, todos os prazeres momentâneos trazem frustração em seu encadeamento. Você fica com uma sensação de que seus esforços foram em vão, mas, após alguns dias, se esquece de tudo e cai novamente no mesmo engano. A alegria momentânea pode ser atingida no nível animal, mas a alegria eterna é atingida apenas ao se fundir com o divino. Essa jornada precisa ser completada dentro de seu próprio ser; você precisa atravessar de um extremo a outro sua ponte, e somente então o segundo acontecimento se dará.

Dessa maneira, considero equivalentes o sexo e o samádi, e há uma razão para isso. Na verdade, esses são os dois únicos acontecimentos equivalentes. No sexo, estamos em um extremo da ponte, no degrau mais baixo da escada, onde somos unos com a natureza; no samádi, estamos no outro extremo da ponte, no degrau mais alto da escada, onde somos unos com o divino. Ambos são uniões, ambos, de certa maneira, são explosões. Nos dois casos você se perde em um sentido particular: no sexo, você

se perde por um momento, e, no samádi, para sempre. Nos dois casos você deixa de existir. O primeiro é uma explosão momentânea, e, depois dela, você volta a seu ser normal, pois onde você foi era um estado inferior em que não podia permanecer. Mas, uma vez unido ao divino, não poderá reaver seu antigo estado de ser.

Esse retorno é tão impossível como o do estado animal; ele é absolutamente impossível. É como esperar que um adulto entre em suas roupas de bebê. Você se unificou com o absoluto, então não poderá reverter para o individual. Agora o eu individual tornou-se um lugar tão estreito e insignificante que você não pode mais entrar ali e nem mesmo imaginar como poderá estar nele. O indivíduo termina aqui.

Para a explosão acontecer, são necessárias as duas coisas: sua jornada interior deve alcançar o ponto do sahasrara, para ali encontrar a graça...

Precisa ser esclarecido o motivo de chamarmos esse centro de sahasrara. Esses nomes não foram dados por acaso, embora a linguagem sempre se desenvolva acidentalmente e pelo uso constante. Usamos a palavra porta, mas qualquer outro nome poderia ter sido facilmente usado para denominar a mesma coisa. Há milhares de línguas no mundo e deve haver milhares de palavras que significam porta e que são capazes de transmitir o mesmo significado. Mas, quando algo não é acidental, ocorre uma semelhança em todas as línguas. Assim, o significado de porta, ou *dwar*, transmite a ideia daquilo por meio do qual entramos e saímos. Em todas as línguas, a palavra usada para porta comunicará esse significado, pois essa é parte de uma experiência e não um arranjo acidental. Por esta palavra, porta, é comunicada a ideia do espaço por meio do qual a entrada e a saída são possíveis.

Da mesma maneira, a palavra sahasrara foi cunhada como resultado de experiências; ela não é acidental. Tão logo você

atinge a experiência, sente-se como se mil botões de flores desabrochassem repentinamente dentro de você. Dizemos mil, querendo dizer infinitos, e a comparamos com flores porque a experiência é como um florescimento. Algo dentro se abriu, algo que estava fechado como um botão. A palavra flor é usada no contexto de florescimento, de desabrochamento. E não apenas uma ou duas coisas desabrocharam – um número infinito de coisas desabrochou.

Assim, é natural chamar essa experiência de “a abertura de um lótus de mil pétalas”. Você já viu um lótus se abrir sob os raios do sol da manhã? Observe cuidadosamente, aproxime-se de uma lagoa onde haja lótus e observe silenciosamente como o botão de lótus lentamente abre suas pétalas. Então, você poderá visualizar que sentimento haveria se um lótus de mil pétalas se abrisse dessa maneira em sua cabeça.

Há uma outra experiência maravilhosa: a do sexo. Os que entram fundo na experiência do sexo também sentem esse florescimento, mas essa é uma experiência fugaz. Algo dentro desabrocha, mas de novo se fecha quase que imediatamente.

Contudo, há uma diferença entre as duas experiências. Na experiência do sexo, a flor é sentida como pendurada para baixo, enquanto no samádi as pétalas são sentidas desabrochando para cima. Essa diferenciação só pode ser feita ao passar pelas duas experiências. É natural as flores que desabrocham para baixo ligarem você a uma esfera inferior, enquanto as flores que desabrocham para cima o ligam a uma esfera superior. Na verdade, esse desabrochar é uma abertura que o torna vulnerável a uma outra esfera. Trata-se de uma porta que se abre – uma porta por meio da qual algo entra em você para a explosão acontecer.

Por isso, as duas coisas são requeridas. Você subirá até o sahasrara e, lá, alguém sempre espera por você. Não está correto dizer que alguém irá até lá quando você chegar; esse alguém já está lá, esperando o acontecimento se dar em você.